

ARGUMENTO



Distribuição
Gratuita

boletim informativo
CINE CLUBE DE VISEU

15
JULHO

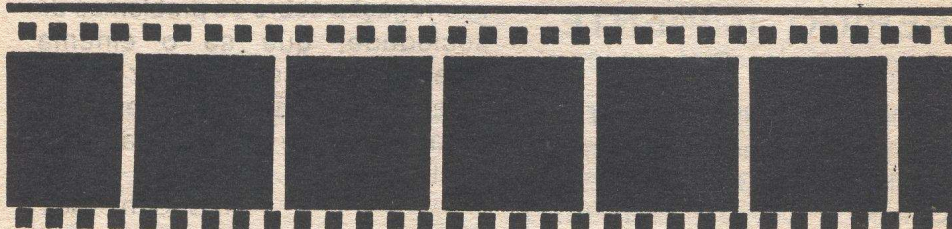
MRSAL

Largo da Misericórdia, 24 - 2º

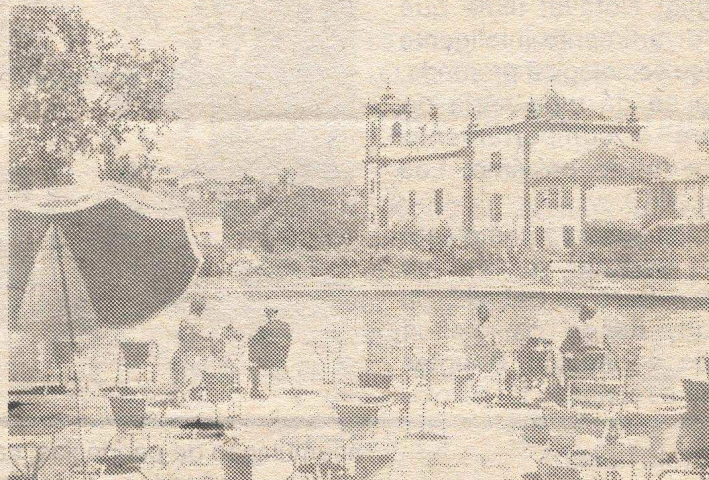
Apartado 102

3502 VISEU Codex

AVENÇA



VERAO 86



CINEMA no Parque

ARGUMENTO Nº15

Julho de 1986

Reprodução dos textos sujeita a autorização prévia do CCV.

ÍNDICE

1

CICLO DE CINEMA NO PARQUE:

O BAILE, DE ETTORE SCOLA; BLADE RUNNER – PERIGO IMINENTE, DE RIDLEY SCOTT; O DUETO DA CORDA, DE JOHN LANDIS.

2

A GRANDE ILUSÃO

Alex

3

OPINIÃO: “COTTON CLUB” E A INFABILIDADE DO HOMEM

Humberto Liz

2

A GRANDE ILUSÃO

Uma manhã desta semana, ao passar pelos correios a buscar a correspondência do nosso Cine clube, encontrei uma revista para mim completamente desconhecida: "A grande ilusão", no seu nº4. A consulta à sua ficha técnica indica alguns nomes interessantes do seu corpo redactorial e responsabilidade de edição do Cine Clube do Norte. A capa deste nº4 de "A Grande Ilusão" mostra os olhos de Woody Allen escondidos atrás dos seus celebérrimos óculos. A legenda da fotografia é um achado – "O cometa Allen".

No corpo da revista, encontro dois dossiers interessantes – um dedicado a Woody Allen e o outro a Alfred Hitchcock, dois cineastas altamente exibidos pelo nosso Cine Clube que está, inclusivamente, a dedicar no mês de Junho um "ciclo" a esse passarão que é o velho e adorável Hitch. Aqui gostaria de esclarecer alguns sócios que me manifestaram estranheza acerca da inserção de um texto de George Sadoul no último "Argumento" e que era manifestamente antipático à envergadura cinematográfica de mestre Hitchcock.

Quero garantir a esses sócios que na direcção do Cine Clube existe unanimidade na admiração do Mestre e que a inclusão do referido texto não significa mais nada que o nosso (por vezes doentio, confesso!) pluralismo.

Voltando ao nº4 de "A Grande Ilusão", três das suas preciosas páginas são desperdiçadas por Saguenail numa declaração de amor a James Bond, cada vez menos "007, Ordem para Matar" e cada vez mais "007, Ordem para Ver". Ainda bem que há ordens que são para não cumprir.

"A Grande Ilusão" acaba com críticas de filmes ultimamente estreados no Porto. Se alguns desses textos não trazem nada de novo, os de Rodrigo Afreixo e Saguenail são interessantes. Roma Torres, que também colabora nesta revista, apesar de não conseguir evitar a exteriorização das suas preocupações socio-políticas, continua a ser um crítico que sabe o que escreve e escreve do que sabe, coincidência que não se verifica sistematicamente, basta ler as páginas culturais de alguns jornais.

Concluindo, esta "A Grande Ilusão" foi para mim uma grande surpresa pois consegue tratar o Cinema com profundidade e sem hermetismos inacessíveis ao comum dos mortais.

No nosso Cine clube, estão para consulta e venda os números editados, além de, evidentemente podermos encomendar a colecção para os eventuais sócios interessados.

© Alex

3 - OPINIÃO

"COTTON CLUB" E A INFABILIDADE DO HOMEM

A crítica de José Arimateia, inserta no Jornal "Voz das Beiras", acerca do filme "Cotton Club", proporciona-me escrever umas linhas – iniciando aquele debate (que se deseja) nas páginas de "Argumento".

Em tom amigo e com todo o respeito que me merece o José Arimateia, parece-me, antes do mais, que a obra anterior de Copolla não propiciaria qualquer "Argumento" a favor da infabilidade do Homem, como "Cotton Club" não a contraria – pese, embora, o tom caricatural da sua afirmação e o meu desconhecimento de parte das obras do referido realizador.

O Cinema Americano, por definição, é sobretudo espectáculo (entertainment) e negócio (business).

Dentro destes parâmetros têm de se movimentar, regra geral, os realizadores (director's) – afim de não porem em causa o êxito da indústria.

Parece-me que "Cotton Club" é um excelente espectáculo de Cinema, melhor, um brilhante exercício de arte de fazer cinema – espectáculo. Ora o José Arimateia não esqueceu na sua critica estas exigências no filme de Copolla. Simplesmente, conclui de forma diferente das premissas que enuncia.

Um exemplo: os negros são, sim senhor segregados do clube Cotton – a não ser como comediantes; os negros, são, sim senhor o alvo preferido da máfia branca do jogo clandestino. Mas isto não é verdade intemporal, não foi uma verdade na América do Tempo da Lei Seca? Num dos jogos Olímpicos os "sprinters" negros finalistas não foram fechados nos balneários, impedidos de participar, por não se tornarem indispensáveis à defesa do êxito do pavilhão USA? Poderemos culpar Copolla por dizer a verdade?

Uma boa historia ou uma genial interpretação valorizam (e de que maneira) qualquer filme, mas um bom filme não poderá ser apenas uma boa história ou uma genial interpretação.

Parafraseando e querendo concluir de maneira diferente da de José Arimateia, diria que "Cotton Club" não me parece ser um "Black e White" falsificado, mas sim um "pifo monumental" de um qualquer excelente champagne.

© **Humberto Liz**